

A REPETIÇÃO NO CAMPO CLÍNICO

Maria Teresa de Oliveira Mirás

Psicóloga

Virgínia da Silva Ferreira

Psicóloga / Psicanalista

Email:

virferreira16@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem o propósito de discutir a questão da repetição no campo transferencial, uma vez que, entendemos que é neste campo de repetição que o analista trabalha, e ainda que, é através da repetição que o paciente conduz a sua existência.

Em outras palavras, o estudo e a análise da repetição no campo transferencial tornam-se fundamentais, considerando que a repetição é a maneira com que o paciente sabe se comportar, agir e se relacionar com o mundo, de uma maneira própria que se origina no inconsciente e, cabe lembrar que, a repetição usa roupagens diversas para se adaptar as mais diversas situações, de modo a romper com a censura e, que o sujeito incessantemente repete sintomaticamente formas de relacionamentos estruturadas na infância.

Para tanto faremos um percurso em alguns textos de Sigmund Freud, Luiz Alfredo Garcia-Roza e Gilles Deleuze que de forma direta ou indireta tratam do tema.

Palavras-chave: Repetição, transferência, inconsciente

[...] o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu ou reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o[...]. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação, repete-o, sem naturalmente, saber que está repetindo.(FREUD, 1914, p. 196).

ALGUMAS PALAVRAS INICIAIS

Em sua obra “Além do Princípio do Prazer” (1920, p.34), Freud afirma:

[...] a compulsão a repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que foram reprimidos.

Assim, o paciente repete na transferência tudo o que lhe é indesejado e penoso, revivendo seus desejos infantis incompatíveis com a realidade. Desejos que não causaram nenhum prazer no passado e que causaria desprazer no presente então assumem formas novas na experiência atual. Estas repetições são pulsões que teriam tido direção a satisfação, mas que ao contrário só trariam desprazer. Assim, sob pressão de uma compulsão são repetidas.

O que é revelado na psicanálise, na transferência é freqüentemente visto fora dos consultórios, algumas vezes, o sujeito não repete ativamente, mas repete de forma passiva. Freud (1920), cita o exemplo de um indivíduo que tem suas amizades sempre terminadas por uma traição da parte do amigo, ou a mulher que se casa repetidas vezes com maridos que lhe exigiam cuidados excessivos. Os fenômenos da transferência são explorados pela resistência que o ego mantém para que o material reprimido permaneça esquecido. O tratamento procura se utilizar dessa compulsão a repetição para que a esta cesse.

Garcia-Roza (1987, p.22), cita a repetição como “[...] mecanismo referencial privilegiado da prática clínica[...]”. Ao comentar as palavras de Freud, diz que a transferência é a própria repetição e que a repetição é a transferência do passado esquecido, repetição inconsciente, porque se fosse consciente não seria um mecanismo defensivo eficaz.

Ainda de acordo com Garcia-Roza (1987, p.22)

[...] se a repetição é o que impede a reminiscência, ela é ao mesmo tempo, sinal irrecusável do conflito psíquico; se por um lado é uma forma de resistência, por outro é o mais poderoso dos instrumentos terapêuticos.

[...] o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu ou reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atuação[...]. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação, repete-o, sem naturalmente, saber que está repetindo.(FREUD, 1914, p. 196).

A REPETIÇÃO NO CAMPO TRANSFERENCIAL:

“Se a repetição nos torna doentes, é também ela que nos cura”.

(DELEUZE, 1988, p.48).

. Recalcamento

Em seu texto: “As Pulsões e Suas Vicissitudes”(1914), Freud diz que se o objeto de amor é fonte de sensações agradáveis, a tendência é atração do ego para este objeto, entretanto, se este objeto causa algum tipo de desprazer, se por motivo de repugnância ou vergonha, seja de pulsões sexuais ou não, então a tendência é manter distância entre este objeto ou a idéia dele e o ego. Assim, quando a relação entre o ego e o objeto é de prazer, a palavra “amar” tende a ser fixada a objetos sexuais e àqueles objetos que satisfazem as necessidades das pulsões sexuais.

No mesmo texto, Freud diz que a satisfação das pulsões é sempre fonte de prazer. Então qual seria a necessidade da repressão das pulsões?

No final do Édipo, com a formação do Superego, o sujeito abre mão do objeto inicial de satisfação da pulsão sexual, a figura materna ou paterna. A idéia é reprimida, ou seja, o representante psíquico ideativo da pulsão é reprimido já o outro representante, o afeto pode ser “suprimido, isto é, inibido ou eliminado, mas não pode ser recalçado.”(GARCIA-ROZA, 1988, p.154). O impulso afetivo livre de seu representante ideativo é forçado a ligar-se em outro representante. Assim fica sendo este afeto considerado consciente e sentido a partir desta nova idéia.

O destino da pulsão é a satisfação. O aparato psíquico trabalha incessantemente para manter o material recalçado no inconsciente, que faz pressão para sair. A única maneira de se aliviar esta pressão é o escoamento desta catexia. Assim, como a idéia recalçada é dolorosa, este material recalçado sai como forma de compromisso, através de substitutos e de sintomas.

Na histeria, segundo Freud, na obra “O Inconsciente” (1915), a catexia que se encontrava no pré-consciente, entra em fuga, se associa a uma idéia que escapa à repressão e pode tornar-se então racionalizada, consciente, mas como idéia substitutiva, passando assim a desempenhar o papel de anticatexia, ou seja, uma força que mantém a idéia original, insuportável no inconsciente. Entretanto, a idéia recalçada continua a fazer pressão. Assim, quando esta idéia substitutiva perde a força de substituição, não mais satisfaz. O afeto fica livre novamente, surgindo aí a ansiedade, o sintoma. “*A fuga de uma catexia consciente da idéia substitutiva se manifesta nas evitações, nas renúncias e nas proibições, por meio das quais reconhecemos a histeria de ansiedade.*” (FREUD, 1915, p.211). Em seu texto de 1915, “Repressão”, Freud comenta que na histeria de conversão a catexia da pulsão se converteria no soma. Na neurose obsessiva, o representante ideativo seria substituído por seu oposto, ou seja, o impulso hostil, sádico contra alguém que é amado, é reprimido e substituído por seu oposto. Daí o surgimento de sentimentos ambivalentes.

. Repetição

Segundo Freud, em sua obra “A Dinâmica da Transferência” (1912), de acordo com as suas experiências sofridas nos primeiros anos de sua vida, o sujeito adquiriu uma maneira própria de se enamorar e de satisfazer suas pulsões, reproduzindo “*clichês esteriotípicos*” (FREUD, 1912, p.133) durante sua vida. Uma parte das pulsões está dirigida para a realidade, a outra parte das pulsões sexuais ficam retidas, afastadas do ego e impedidas de serem exteriorizadas a não ser como fantasia e outra parte fica totalmente no inconsciente, sendo portanto desconhecida do ego. Se a catexia libidinal não é totalmente satisfeita pela realidade ela é dirigida a cada nova pessoa que se assemelhe a estas idéias libidinais. Assim, e perfeitamente aceitável que o paciente dirija esta catexia para a figura do analista. A figura do analista será ligada a uma destas figuras dos clichês esteriotípicos e o analista será incluído numa destas séries que o paciente já formou. Ou seja, repetirá seus protótipos infantis com a figura do analista.

Em seu texto “Construções em Análise” (1937), Freud diz que o analista trabalha com elementos essenciais que de alguma forma estão presentes, mesmo que foram esquecidas e estão inacessíveis pelo consciente. O analista e seu paciente completam uma construção usando fragmentos recordados, como repetições e tudo o que estiver associado a esses fragmentos esquecidos, que aparecem na transferência através de repetições.

Pensar na transferência como sendo antes de tudo uma repetição, uma repetição pensada como sintoma, que se apresenta na clínica de forma a ser desvelada, Deleuze (1988, p.48) nos propõe: “*Se a repetição nos torna doentes, é também ela que nos cura*”.

Para Deleuze (1988), a pulsão de morte aparece como grande marco na psicanálise, pois ela se apresenta em “Além do princípio do Prazer”, não como uma força destrutiva, numa relação com a agressividade, mas como função diretamente ligada a repetição. A repetição só se institui

ao se disfarçar e só se disfarça ao se instituir. Através de máscaras é que se disfarça para encobrir outras máscaras, uma sobre as outras. Quando Freud troca a teoria do trauma para a teoria da fantasia, neste sentido, troca também o que a máscara encobre, que deixa de ser um acontecimento factual por uma fantasia deste acontecimento, a fantasia do amor incestuoso pela mãe. O que o sujeito repete, disfarça, máscara são as inúmeras fantasias de amores colocados no lugar da primeira fantasia infantil de amor. Desta forma a repetição seria um simulacro, onde a diferença, segundo Deleuze (1988), seria compreendida na repetição.

. Repetição como resistência

Segundo Freud, em seu texto “Recordar, Repetir e Elaborar” (1914, p.197) *“Quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação (acting-out) (repetição), substituirá o recordar(...)”*.

Freud neste texto diz que quando a transferência se torna excessiva ou hostil, a resistência é que determinará o material que será repetido. Repetir sob a forma de resistência é repetir suas inibições e seus traços patológicos de caráter. Repete para não recordar. Repete seus sintomas, como forma de afastar seu material do passado e mantê-lo firme ao presente. Segundo Freud, devemos, desarmar esta parede de resistência para que o paciente possa ter acesso as suas recordações, ao seu passado.

Freud, (1914) chama atenção para o fato de que o paciente pode ter seus sintomas aumentados temporariamente como forma de resistência, como uma tentativa de se defender da recordação, ou até mesmo o paciente pode apresentar novos e profundos impulsos, diferentes daqueles que se apresentaram no início do tratamento. Estes impulsos podem vir a ser repetidos.

Em seu texto “A Dinâmica da Transferência” (1912), Freud, cita ainda a questão de que no decorrer do processo analítico, as forças que fizeram a libido se tornar próxima à consciência, podem irromper em luta contra a recordação e erguer uma forte resistência a fim de manter a idéia recalçada. A libido que estava à disposição do ego, sempre teve um correspondente no inconsciente que exercia sobre ela uma atração. Com a finalidade de liberar esta libido da força que a liga aos complexos inconsciente, esta atração deve ser vencida.

Com a resistência superada, o paciente poderá entrar em contato, de forma consciente ou não, com o material recalçado e, assim, ter a oportunidade de elaborar tal conteúdo.

É a partir e graças à repetição que se dá e é especificamente trabalhada no campo transferencial, que o sujeito pode atualizar e reorganizar seu mundo interno e efetivar sua conturbada vida afetiva.

Entendemos que, ser psicanalista é ter o manejo da transferência e, acima de tudo, poder suportá-la. Porém, a transferência é, em última instância, um feixe de repetições voltados massivamente para uma mesma e única figura: a figura do analista.

Embora possua este universo,
nada possuo,
pois não posso conhecer o desconhecido,
e ao conhecido me agarro.

(FISHER, 2006, p.105).

REFERÊNCIAS:

DELEUZE,G. *Diferença e Repetição*. Tradução : Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FISHER, R. *O Cavaleiro Preso na Armadura: uma fábula para quem busca a Trilha da Verdade*.9.ed. Trad. Luiz Paulo Guanabara. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FREUD,S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3.ed. Revisão: Dra. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 24v.

_____ *A Dinâmica da Transferência*.(1912), v.XII

_____ *Sobre o Início do Tratamento*.(1913), v.XII

_____ *Recordar, Repetir e Elaborar*.(1914), v. XII

_____ *As Pulsões e suas Vicissitudes*.(1915), v.XIV

_____ *Repressão*. (1915), v.XIV

_____ *Além do Princípio do Prazer*.(1920), v.XVIII

GARCIA-ROZA,L.A. *Freud e o Inconsciente*. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

----- *Acaso e Repetição em Psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. 2.ed. Rio de Janeiro:Jorge Zahar Ed., 1987.